

## O PATRIMÔNIO INTERPRETADO ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS

As transformações da Praça Central de Três Lagoas/MS

## THE PATRIMONY INTERPRETED THROUGH HISTORICAL PHOTOGRAPHS

The Transformations of the Central Square of Três Lagoas/MS

*DIEGO DE LIMA PACHECO\**  
*CAMILA DE BRITO QUADROS\*\**

### RESUMO

As fotografias registraram importantes acontecimentos na história de Três Lagoas/MS, incluindo histórias da Praça Central. Este artigo objetiva identificar as principais transformações pelas quais a praça percorreu desde seu surgimento até os dias atuais. Realizaram-se pesquisas no acervo do Museu Fotos de Três Lagoas, além do acervo fotográfico da Prefeitura local e relatos via gravação telefônica com atores importantes nesse contexto. A partir disso, as fotografias foram analisadas correlacionando o seu potencial enquanto documento e enquanto elemento patrimonial para a construção da história da cidade. Conclui-se que, embora a Praça Central diferencie-se a cada projeto de revitalização, a necessidade de preservá-la enquanto patrimônio tem a mesma importância que no passado, uma vez que as ações do presente serão histórias no futuro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patrimônio. Três Lagoas. Praça Central.

### ABSTRACT

The photographs recorded important events in the history of Três Lagoas / MS, including stories from Central Square. This article aims to identify the main transformations that the square has undergone since its inception to the present day. Research was carried out on the collection of Três Lagoas Photos Museum, as well as the photographic collection of the local city hall and reports through telephone recording with important actors in this context. From this, the photographs were analyzed correlating their potential as a document and as an asset element for the construction of the city's history. It is concluded that, although Central Square differs from each revitalization project, the need to preserve it as heritage has the same importance as in the past, since the actions of the present will be stories in the future.

**KEYWORDS:** Heritage. Três Lagoas. Central Square.

---

\* Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). diegolima.tur2016@outlook.com

\*\* Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Especialista em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico pela Universidade de Brasília (UNB). Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). camilaq21@hotmail.com

## Introdução

O desenvolvimento de uma cidade pode variar de uma região para outra e, atrelado a este contexto, são construídos e entrelaçados diversos elementos, tendo como exemplo, os aspectos sociais, ambientais e – principal abordagem desse artigo – a perspectiva cultural, exemplificada em seu patrimônio.

De acordo com o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, patrimônio cultural é entendido “como sendo o conjunto de bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988). Nesse sentido, apresenta-se uma importante contribuição para o campo do patrimônio cultural brasileiro que, a partir de sua legislação, adota políticas públicas patrimoniais de acordo com as especificidades dos bens culturais.

Desde sua formação, foram diversos os períodos históricos que alteraram a paisagem e as dinâmicas sociais no município de Três Lagoas<sup>1</sup>. Primeiramente com a fundação da cidade em 1915 e, em paralelo, a contribuição dos sujeitos para o desenvolvimento da mesma; posteriormente, as inúmeras construções que se tornaram históricas e por fim o reconhecimento de Três Lagoas como polo industrial com a chegada de algumas indústrias a partir 1997. Essas histórias acabam por compor a formação histórica e cultural dos três-lagoenses e necessitam ser preservadas, uma vez que essas lembranças permanecem vivas na mente de quem viveu na cidade durante a época de sua formação enquanto núcleo urbano.

O primeiro contato com o objeto de pesquisa se deu através de uma viagem realizada por motivação pessoal, em 2008. Algumas curiosidades emergiram diante de tal cenário, como por exemplo, qual é a origem do nome “Três Lagoas”? Mas o que realmente deixava qualquer visitante fascinado era o fato de a cidade ser cortada por uma linha férrea em pleno funcionamento. As questões históricas relacionadas ao nome, a característica da utilização do trem, nos levaram a pensar sobre o patrimônio da cidade e sua importância para a população local, uma vez que, ao que parece, sem perceber o real valor histórico e cultural, os moradores utilizam cotidianamente o patrimônio e seu entorno para diversas práticas sociais, como é o caso da Praça Central.

Entre os novos moradores da cidade é mais comum esse espaço ser conhecido por Praça Senador Ramez Tebet. Algumas pessoas de mais idade, ainda se referem como Antiga Praça da Bandeira. Optou-se por chamar no decorrer do texto de Praça Central para problematizar a ideia do contexto histórico vinculado às práticas políticas e aos seus respectivos gestores, que atribuíam diferentes nomes à praça central de acordo com seus interesses próprios. Acredita-se também que esse termo transmite o real significado que ela teve no passado, tem no presente e terá no futuro, sem

<sup>1</sup> Três Lagoas é considerada a terceira cidade do estado de Mato Grosso do Sul em termos populacionais, tendo sua economia voltada atualmente para a indústria, sobretudo com itens de celulose e farelo de soja, além da indústria têxtil, cereais e siderurgia (PACHECO; LARA, 2017 p. 1). Está localizada a 339km de Campo Grande (capital de Mato Grosso do Sul) e a 864km da capital brasileira Brasília/DF (FRANCISCO, 2013).

deixar perder ao longo do tempo, independente dos nomes que a ela são atribuídos, a referência ou título de Praça Central de Três Lagoas.

Três Lagoas é uma cidade que recebe muitas pessoas que estão temporariamente de passagem, principalmente por motivações profissionais. Dessa forma, a memória relacionada ao patrimônio fica comprometida, uma vez que, com o passar do tempo às pessoas vão lembrando-se daquele lugar, porém atribuindo novos nomes ao mesmo, e conseqüentemente, novos significados.

Essa pesquisa objetiva analisar e interpretar a Praça Central de Três Lagoas enquanto patrimônio através da utilização de fotografias históricas e evidenciar as modificações que ocorreram na praça desde o período de sua construção até os dias atuais e, sobretudo, evidenciar as mudanças ocorridas na paisagem e entorno desse patrimônio que se reflete na história e cultura do povo três-lagoense.

Quanto à metodologia, foi utilizada a pesquisa bibliográfica acerca da história de Três Lagoas, enfatizando a Praça Central, e posteriormente as fontes fotográficas que estão disponíveis tanto no acervo fotográfico do site da Prefeitura Municipal quanto no acervo do Museu Fotos de Três Lagoas, além de relatos via gravação telefônica com o Diretor do Departamento de Cultura do município, Rodrigo Fernandes<sup>2</sup> e Clorinda Trujillo Rulli Menezes, irmã do criador do museu digital, disponibilizado no Facebook.

Ao concluir a análise das fontes utilizadas, entende-se que essa pesquisa é importante por contribuir para a valorização da cultura e da história dos três-lagoenses, além de contribuir para a educação patrimonial, buscando a divulgação e a preservação do patrimônio.

### **Patrimônio, História, Memória e Fotografias Históricas: um Estudo de Caso do Município de Três Lagoas/MS**

A palavra patrimônio pode assumir sentidos diversos (RODRIGUES, 2005, p. 16), sendo que o mais comum é aquele que infere um conjunto de bens que uma pessoa ou entidade possuem (BARRETTO, 2000, p. 9). De acordo com Barretto (2000, p. 9), o patrimônio pode ser dividido em duas vertentes, sendo elas: natural (compreende as riquezas encontradas no solo e subsolo) e cultural, cujos limites conceituais têm se ampliado conforme o conceito de cultura é revisado e desenvolvido.

Patrimônio é pensado, na maioria das vezes, somente enquanto patrimônio material, relacionado a nobreza ou as riquezas que foram deixadas por alguém. As noções de patrimônio vão além do que é material. Os bens imateriais produzidos pelos

---

<sup>2</sup> Rodrigo Fernandes nasceu em 6 de março de 1974 na cidade de Três Lagoas, sendo que desde janeiro de 2017 atua como Diretor de Cultura da Prefeitura Municipal. Antes de ocupar a função de diretor, atuou como coordenador de Patrimônio Histórico e Cultural no mesmo município sendo responsável pela coleta, desenvolvimento, classificação, catalogação e condicionamento do acervo histórico. Além disso, foi responsável pela implementação do Arquivo Público Municipal e Museu Municipal e também responde pelos assuntos literários do Departamento Municipal de Cultura (Informações fornecidas via gravação telefônica pelo próprio entrevistado no dia 27/09/2018).

antepassados, que são os costumes, os modos de se relacionar, o modo de fazer, os saberes; compõem também o acervo patrimonial coletivo ou individual (ROCHA, 2012, p. 1).

É possível observar que a palavra patrimônio pode ser relacionada a diversas áreas e contextos, sendo representativa daquilo que se entende por patrimônio natural, cultural, mundial, material, móvel, imóvel, imaterial; assim como na perspectiva ambiental, social, geográfica e econômica. Para Moletta e Goidanich *apud* Câmara; Albuquerque:

Entende-se por patrimônio cultural o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação é de interesse público, por valor histórico, etnográfico, bibliográfico ou artístico [...] O patrimônio cultural possui as seguintes características: é criado pelo homem; quando alterado, perde seu valor; necessita de constante preservação e conservação (2012, p. 1)

Avançando para além das categorias inseridas na definição do patrimônio cultural brasileiro, Dias (2006, p. 68) afirma que a noção de patrimônio vai além daquela que permeia a ideia dos chamados bens tangíveis, nesse cenário inclui-se também os bens intangíveis. De acordo com Rodrigues (2005, p. 16) essa denominação está relacionada a herança familiar, portanto, quando se refere a um valor ou uma ou mais coisas deixadas para alguém, a expressão legado é mais adequada que patrimônio.

Nem só de cidades e monumentos é formado o patrimônio histórico: Quadros, livros ou mesmo fotografias que documentem a memória e os costumes de uma época também fazem parte do acervo cultural e artístico. Devem ser preservados. Não importa a forma: se por meio de coleções particulares, do mercado de arte ou da proteção de entidades governamentais. O necessário é preservar, já o que não é patrimônio histórico desaparece com o tempo (LEMOS, 2010, s.p).

Um álbum fotográfico, por exemplo, pode ser patrimônio de uma pessoa ou até mesmo uma fotografia de formatura pode ser patrimônio de uma turma e, nesse sentido temos a representação do patrimônio individual e do coletivo, respectivamente. Quem não se diverte ou se emociona vendo um álbum de fotografias? Todos nós carregamos lembranças que são intocáveis, outras que gostaríamos de deletar da memória e outras ainda que guardamos com saudade. Esse patrimônio de lembranças boas e ruins é o que colabora na construção da nossa história de vida (MARTINS, 2001, p. 12).

O patrimônio cultural até metade do século passado estava mais ligado ao que era físico e, portanto, tangível. Alicerçava-se, pois, a ideia do patrimônio transformado em monumento, principalmente aquele que representasse um contexto relacionado ao poder fosse ele político ou econômico. Segundo Barretto (2000, p. 9-10), o patrimônio assim transformado em monumento é capaz de estabelecer a relação entre passado, presente e futuro.

O paradigma de que patrimônio só estava vinculado à nobreza cai por terra após a Segunda Guerra Mundial, momento histórico em que houve uma mudança na estrutura social e política das nações e outros segmentos passaram a ter importância. Após esse processo, passou-se a relacionar o patrimônio com tudo aquilo que

compõe a sociedade, ou seja, da história positivista que contava grandes feitos e batalhas passamos a contar com os estudos do cotidiano das pessoas, o que pode ser exemplificado a partir de áreas como a história social (BARRETTO, 2000, p. 11).

Segundo Lemos (2010, p. 7) as questões que envolvem o patrimônio têm ampliado seu escopo e despertado interesse das pessoas. Dessa forma, elas passam a ser (re)conhecidas a medida que os sujeitos as identificam e contam histórias de cidades e monumentos que hoje compõem o acervo de Patrimônio Histórico, ao qual, por vezes, é acrescentada a palavra Artístico. O termo atual utilizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), para representar os patrimônios de um povo ou uma nação é chamado de Patrimônio Cultural, abarcando as vertentes social, histórica e artística.

São três as grandes categorias de elementos que podemos dividir o Patrimônio Cultural: a primeira delas reúne elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente; o segundo agrupamento de elementos pertencem ao Patrimônio Imaterial, isto é, tudo aquilo que é intangível do Patrimônio Cultural, referem-se ao conhecimento, ao saber, as técnicas e ao modo de fazer; o mais importante de todos é o terceiro grupo de elementos, pois este reúne os chamados bens culturais, que são artefatos que surgiram a partir do meio ambiente e do saber fazer dos diversos grupos sociais (LEMO, 2010, p. 8-10). Alguns artefatos nos ajudam a conservar tanto lembranças como memórias de tempos passados e pensando sobre isso, questionamos: quem é que alguma vez na vida já guardou algum objeto para se lembrar de alguém ou acontecimento especial? Nem sempre esses objetos têm valor econômico, mas todos certamente têm valor afetivo (MARTINS, 2001, p. 12).

Preservar o patrimônio é como guardar um objeto para recordação. Através de elementos como a fotografia que remetem às lembranças que podem ser avivadas na memória das pessoas, como pode-se verificar no caso da dona Zenaide Nogueira Fabri, empresária e professora aposentada, que em 2015, aos seus 67 anos, concedeu entrevista ao periódico *Jornal do Povo* homenageando o centenário de Três Lagoas.

Ali era cheio de pés de manga. No tempo do Tertuliano [Maestro Tertuliano Lima, que dá nome ao palanque da Praça Senador Ramez Tebet<sup>3</sup>], tinha shows no coreto. Todos os sábados e domingos. A gente tomava sorvete no bar Cinelândia, às vezes tinha uma pipoca e amendoim torrado no saquinho sendo vendidos. Os pais levavam a gente para brincar. Era muito gostoso (JORNAL DO POVO, 2015, p. 124)

Ao acionar suas memórias de infância, a entrevistada apresenta o cenário do local, atribuindo valores culturais e afetivos ao patrimônio. Nessa perspectiva, entendemos que à medida que conservamos esses objetos ou lembranças, construímos uma relação entre nosso passado e nosso presente e, conforme contamos nossas histórias de vida, eles tornam-se legados para futuras gerações, isto é, um dia seremos o passado dessas gerações que nascerão (MARTINS, 2001, p. 12). Nesse processo, nota-se que a história de um determinado lugar, de um grupo de pessoas e os desejos futuros que almejam, colabora para a construção da identidade de uma

---

3 Inserção feita pelo periódico *Jornal do Povo*.

cidade ou comunidade (MARTINS, 2001, p. 13). Essa “riqueza cultural nos preenche de um sentimento vigoroso que nos vincula às nossas tradições e nutre o sentido de pertença aos nossos lugares de origem. Todos esses elementos integram [...] nossa identidade comum” (PELEGRINI, 2009, p. 14).

A utilização da fotografia, considerada um elemento de preservação da história e memória, permite que o indivíduo (re)conheça esse cenário, identificando inclusive aspectos da cultura local de uma época. Não só as edificações, mas as fotografias também são consideradas patrimônio de uma localidade, uma vez que estas registram determinadas situações e espaços da mesma, “eternizando” esses momentos. Para Gomes, *apud* Dropa; Trzaskos; Baum:

A imagem fotográfica, ao registrar a experiência, pode provocar novas percepções, produzir a subjetividade inerente ao ato de olhar do contemplador e ao mesmo tempo imortalizar o fato e o espaço captados, objetivando para o cientista aquele momento e contextualizando com outros repertórios signos do sujeito (2011, p. 3).

Quando um indivíduo se percebe diante de uma fotografia histórica, acaba por observá-la com atenção minuciosa, buscando identificar as mudanças ocorridas ao longo dos anos. Nesse contexto, percebe-se que os costumes não são mais os mesmos, tampouco as relações sociais do cotidiano e em meio a todo esse processo de desenvolvimento, muitas construções históricas podem ser substituídas por edificações modernas. Conforme Dropa; Trzaskos; Baum:

Com o desenvolvimento da sociedade, locais sofrem transformações constantemente, onde grandes casarões são derrubados para a construção dos atuais prédios, levando consigo valores históricos de uma geração que zelava por sofisticação, cultura e união; contribuindo assim com a não preservação do patrimônio cultural e muitas vezes as imagens desta antiga realidade patrimonial, fica somente registrada nas imagens produzidas no período (DROPA; TRZASKOS; BAUM, 2011, p. 3).

Cabe salientar que as fotografias históricas de Três Lagoas registram imagens e momentos de uma época e através delas é possível resgatar esse sentimento de pertencimento a essa cultura. Com os avanços tecnológicos e a globalização, emergem nesse processo, aspectos negativos, como “[...] o sentimento de perda do passado, o desenraizamento e o esquecimento fácil” (DROPA; TRZASKOS; BAUM, 2011, p. 4).

Utilizar as fotografias históricas para reconstruir e recontar o passado de Três Lagoas é garantir que a sociedade atual e futura possa reconhecer a história do lugar onde vivem. As imagens estimulam a memória das pessoas e a partir delas é possível desenvolver estratégias para a valorização e preservação do patrimônio histórico do município. As fotografias de Três Lagoas são documentos que servem para fomentar a preservação e manter vivo esse passado que vem sofrendo ameaças diante da globalização, da modernização e reorganização do espaço urbano. “Só preservamos o que conhecemos, conhecemos o que ouvimos de nossos pais e avós e aquilo que observamos em documentos e fotos” (DROPA; TRZASKOS; BAUM, 2011, p. 4).

Devido as tecnologias atuais, as formas de se conservar as fotografias são bem diferentes e mais evoluídas do que anteriormente. Mais um argumento revelando que as fotografias históricas são entendidas como elemento para se (re)conhecer, valorizar e preservar a história, memória e patrimônio cultural da cidade das águas<sup>4</sup>, assim como têm papel indispensável na reconstrução desse passado.

A fotografia pode ser utilizada para diversos fins, isso devido suas valiosas funções, dentre elas, duas chamam bastante atenção por serem voltadas ao segmento cultural, que segundo Santos e Santos são:

Fotografia como material de pesquisa de campo – para peritos e pesquisadores que necessitam de acervo comprobatório para aprofundamento de suas teorias e assertivas e fotografia como registro histórico – leva a preservação da memória de um ambiente transformado pelo tempo (SANTOS; SANTOS, *apud* DROPA; TRZASKOS; BAUM, 2011, p. 7).

Cabe notar que utilizaremos, para fins dessa pesquisa, a fotografia enquanto registro histórico de um patrimônio, a praça central, elemento desse ambiente que foi transformado através do tempo pela intervenção dos sujeitos sociais a ele associados.

Contribuindo nesse quesito, Kossoy *apud* Moyses (2011, p. 1), revela que “toda fotografia tem atrás de si uma história” o que remete ao estabelecimento da correlação entre fotografia e memória, a partir do resgate histórico da cidade mediante textos, imagens e oralidade. De acordo com Moyses (2011, p. 1), as fotografias vão além de um conjunto de imagens. Apresentam-se nesse momento de reconstrução histórica como narradoras de histórias e também como ferramentas para contribuir no processo de recordação, apontando inclusive outras histórias. Para o autor:

Elas assumem papel muito importante quando se busca contar a história a partir da perspectiva daqueles que viveram, já que além de contar histórias, as fotografias despertam a memória das pessoas para um acontecimento, um lugar, uma pessoa (MOYSES, 2011, p. 1).

No passado, os meios tecnológicos eram bem diferentes se comparados aos de hoje. A forma mais comum de se registrar fatos e momentos da época era através de fotografias e documentos escritos. No processo de reconstrução dessa história através de fotografias enquanto documento, a memória contada a partir da oralidade é também outra fonte a ser considerada para que se possa entender essa evolução histórica. A fotografia ao ser apresentada aos moradores mais antigos e seus descendentes, funciona como uma ferramenta que possibilita a lembrança de detalhes para que eles possam contar a história com mais informação, autenticidade e maior riqueza, lembrando fatos que talvez não recordassem sem o recurso das fotos.

Para Mauad (1996, p. 8), “a fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando

<sup>4</sup> Observando a hidrografia, a região de Três Lagoas tem abundância em recursos hídricos, como rios, córregos, riachos e lagoas, por isso também sendo conhecida pelo codinome de ‘cidade das águas’. Ressaltamos que o município se encontra sobre o maior lago subterrâneo do planeta, o sistema Aquífero Guarani, dando aos seus moradores uma das melhores águas potáveis, para consumo, do Brasil (FRANCISCO, 2013, p. 27-28).

se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida”. Percebe-se que a função da fotografia continua sendo a mesma, sendo sobretudo, a de registrar. Sobre o uso da fotografia como fonte histórica, Mauad diz que:

Historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época. [...] a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais. [...] a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo (MAUAD, 1996, p. 8).

Entendendo a fotografia enquanto documento histórico, datada historicamente, e dotada de um recorte espacial, é importante salientar que, para a análise metodológica do historiador, as imagens não são apenas ilustrações, há de se pensar “através das imagens”. Trabalhar com esse tipo de fonte exige uma atenção diferente, uma técnica específica. Nesse sentido, a fotografia também se configura como elemento importante na abordagem das pesquisas na área patrimonial, pois se constituem como fontes de referência, permitindo a recuperação de tantas reproduções e interpretações do passado. Curiosamente, o passado lembrado é constituído de fragmentos, pois a memória tem um caráter seletivo. Até mesmo as pessoas com memória considerada privilegiada não conseguem lembrar-se de tudo que viveram, é impossível lembrar com riqueza de detalhes cada dia ou minuto vivenciado, além disso, os esquecimentos também fazem parte da composição da memória. O passado é a reconstituição dos fatos acontecidos, baseando-se em fragmentos da nossa memória e através de alguns objetos – como a fotografia – podemos acessar momentos que ficaram congelados no tempo (MARTINS, 2001, p. 13). Partindo da ideia que as fotografias históricas registraram frações da realidade do passado e não o seu todo, pode-se pensar que elas também permitem que se faça uma leitura e interpretação desses registros.

### **Praça Central de Três Lagoas/MS: contextualizando e analisando a historicidade do patrimônio cultural através das fotografias**

As discussões abordadas em artigos científicos desenvolvidos em sua maioria por estudantes de instituições acadêmicas locais sobre o patrimônio cultural da cidade de Três Lagoas buscam compreender as diversas mudanças ocorridas, ao longo das décadas, nos patrimônios locais. Um desses patrimônios é a Praça Central.

Por se tratar do primeiro núcleo urbano e cenário das primeiras atividades econômicas locais necessita de estudos mais aprofundados, enfatizando sempre a preservação da história, memória e os patrimônios culturais de Três Lagoas. Sobre esse assunto Barbosa *et al.* (2015) informam que: “O estudo do local histórico possui grande importância cultural e sentimental para a população, relembrando os tempos de infância, dado que a praça existe desde o surgimento da cidade” (BARBOSA *et al.*, 2015, p. 3).

De acordo com alguns dados pesquisados em materiais de cunho acadêmico e matérias produzidas pela mídia local como o site Hoje Mais e o periódico Jornal do Povo, revelam que a Praça Central passou por três momentos históricos: inicialmente conhecida como Praça da Estação em 1912 (ano de criação), tendo seu primeiro coreto criado em 1918 e sendo criado um segundo coreto alguns anos mais tarde, precisamente em 1922. Posteriormente conhecida como Praça da Bandeira (1965) em homenagem ao cinquentenário de Três Lagoas. Por fim, atualmente denominada Praça Senador Ramez Tebet (2006) período este de gestão da ex-prefeita Simone Tebet (BARBOSA *et al.*, 2015, p. 4; SITE HOJE MAIS, 2018, s.p; JORNAL DO POVO, 2015, p. 125).

Ressaltamos que cada um destes momentos será analisado e discutido a seguir nesse trabalho, a partir da análise das fontes fotográficas.

A Praça da Estação foi local importante no processo de desenvolvimento social da cidade, uma vez que em seu perímetro existia um fluxo de pessoas que utilizavam o espaço e entorno por ser ponto de chegada e partida do transporte férreo (BARBOSA *et al.*, 2015, p. 3-4).

Levando em consideração que muitos dos locais históricos da cidade, assim como é o caso da Praça Central, já sofreram modificações, seja pela intervenção do ser humano ou fatores naturais, as fotografias históricas surgem como importantes fontes através das quais se podem relatar a história da mesma.

Durante a realização desta pesquisa foram identificadas dezesseis fotografias históricas do entorno e da área que hoje está localizada a Praça Central da cidade, porém, somente cinco delas serão analisadas nesse artigo, pois são fotografias que melhor atendem aos objetivos da pesquisa.

Rodrigo Fernandes explica<sup>5</sup> que o Departamento de Cultura de Três Lagoas possui um arquivo ainda em processo de gestão que se configura como início de um Arquivo Histórico Municipal e possui também outros arquivos documentais como é o caso do Núcleo de Pesquisa Histórica, vinculado ao curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Unidade de Três Lagoas, no qual se encontra um acervo de fotografias históricas (FERNANDES, 2018). O Diretor de Cultura afirma que de acordo com análises dessas imagens e contextualização do desenvolvimento histórico urbano, as fotografias apresentam elementos que são de conhecimento dos pesquisadores, sendo que alguns já possuem até uma linha cronológica precisa desses elementos, como: casas ou algum traço na paisagem que apontam possíveis datas em que as fotos foram tiradas (sic) (FERNANDES, 2018). Nessas fotografias é possível identificarmos as transformações que ocorrem neste Patrimônio Histórico-Cultural, com o passar do tempo. As mudanças, independentes de serem positivas ou não acabam fazendo parte da história. O ideal é que a história siga sua trajetória e que os sujeitos sociais preservem o passado da forma em que foi construído num determinado tempo-espaço histórico, porém, não é essa a realidade dos patrimônios de Três Lagoas e a Praça Central infelizmente se insere nesse contexto.

---

5 Informações fornecidas via gravação telefônica no dia 27/09/2018.

Fotografia 1: Manifestação Cívica na antiga Av. Noroeste (Av. Rosário Congro) com Av. Antônio Trajano (Antiga Av. João Pessoa), 1938.



Fonte: Acervo Fares Zaguir – Arquivo Público Municipal.

Percebe-se que na fotografia 1 no canto superior direito aparece o telhado da Igreja de Santo Antônio (Padroeiro da cidade) construída em 1914. No canto superior esquerdo está o Relógio Central, localizado entre a Rua Paranaíba e a Avenida Antônio Trajano. As estradas eram de terra, não existia pavimentação nas ruas assim como também não existia calçadas nos caminhos que levavam as pessoas até a igreja. Esta imagem representa parte do entorno de onde hoje é a Praça Central, que nesta foto não é retratada, mas está localizada a esquerda desta imagem, precisamente entre as pessoas e o relógio central.

A fotografia, numa análise de interpretação histórica, está atrelada a outra importante fonte, que é a oralidade representada a partir da seleção da memória. De acordo com o historiador francês Jacques Le Goff, a memória é transformada pela fotografia. Esta permite uma ampliação e democratização da memória: resgatam verdades visuais que antes não eram possíveis perceber e torna-a mais precisa, permitindo preservar recordações do passado seguindo a mesma ordem cronológica dos fatos (LE GOFF, 1990, p. 402).

Fotografia 2: Praça de Santo Antônio (localizada em frente a Praça Central), 1941.



Fonte: Acervo Fares Zaguir – Arquivo Público Municipal.

Essa lembrança através da imagem fotográfica ocorreu com o Sr. Jamil Zaguir<sup>6</sup>, diante de fotografias históricas, durante entrevista, realizada em 2015, ao periódico *Jornal do Povo*. “É uma pena que desfiguraram totalmente a nossa praça, acabando com o coreto e fonte de água luminosa”, lamentou. Existem diversas fotografias da Praça da Estação, que depois veio a se chamar Siqueira Campos, Bandeira e finalmente, Senador Ramez Tebet, entre os arquivos fotográficos da família (JORNAL DO POVO, 2015, p. 50).

Percebe-se mais uma vez a questão do nome vinculado à representação do patrimônio e o significado que cada momento tem para quem contemplou esses períodos. Se a paisagem original do patrimônio tivesse sido preservada até hoje, é bem provável que o sentimento de pertencimento de uma criança por esse lugar fosse tão parecido quanto aos de quem viveu há anos atrás. Mas através da educação patrimonial esse sentimento pode ser transferido entre as gerações a partir das fotografias.

Devido ao processo tecnológico ser diferente do atual, as câmeras fotográficas da época apresentavam resoluções com menor qualidade se comparadas as atuais. Nesse sentido, a fotografia 1 dificulta o reconhecimento de pessoas nesse ato cívico e mesmo com recursos tecnológicos de ampliação de imagem é muito improvável alguém reconhecer um familiar ou amigos na foto. De qualquer forma, trata-se de um documento importante para (re)conhecermos o passado, identificando como eram as construções e estruturação urbana e refletirmos sobre as mudanças que esse cenário e seu entorno passaram até chegar no que a Praça Central é hoje.

Comparando as fotografias 1 e 2, que correspondem a um mesmo espaço e que hoje compreende a Praça de Santo Antônio e seu entorno, consideráveis modificações já podem ser percebidas, como as árvores que foram bruscamente podadas alterando a paisagem, os jardins que foram criados, as calçadas construídas no entorno da igreja assim como a construção de pilares dando a entender que ali seria uma das ou até mesmo a entrada principal de acesso à igreja, bancos para descanso e postes de iluminação que foram instalados, além de algumas construções no perímetro da mesma.

A construção no canto superior esquerdo da fotografia 2 foi alterada e hoje funcionam as instalações do Correio de Três Lagoas. As construções em segundo plano na parte superior da imagem ainda existem e funcionam lojas de roupas e calçados, e assim como o prédio dos Correios, as fachadas originais dessas construções foram modificadas à medida em que a “modernização” ganhou espaço na cidade.

---

<sup>6</sup> O único, entre quatro irmãos, filho vivo de Dib Zaguir. Irmão de Fares Zaguir (JORNAL DO POVO, 2015). É considerado, entre os moradores locais, um guardião de memórias de Três Lagoas, por ser dono de um dos maiores acervos de fotografias da cidade, devido ao estabelecimento comercial de sua família na época.

## **Quando a Praça Central foi a Praça da Estação: surgimento do povoado e a criação de gado**

Desde sua formação, o município passou por diversas fases as quais podem ser divididas em quatro ciclos econômicos<sup>7</sup> que são referências no que tange ao seu processo de desenvolvimento. Cada um desses momentos específicos foi marcado pela construção de prédios que se tornaram patrimônios culturais da cidade.

A história do povoamento não índio em Três Lagoas tem início por volta de 1829, quando alguns posseiros<sup>8</sup> durante as primeiras excursões para reconhecimento de terras, começam a explorar a região leste do estado e acabam por encontrar as três lagoas. Em 1887 Antônio Trajano dos Santos<sup>9</sup> adquire a posse da fazenda das lagoas e decide construir sua casa próximo da maior das três lagoas existentes (LEVORATO, 1998, p. 20).

De acordo com Levorato (1998) ainda nesse período Antônio Trajano resolve doar faixas de terras para quem quisesse residir ali e isso despertou curiosidade e interesse em muitas pessoas da região, que resolveram fixar residência ao entorno da casa de Antônio Trajano contribuindo assim, para o povoamento e desenvolvimento do território que posteriormente seria Três Lagoas. Dessa forma, o núcleo que posteriormente viria a ser urbano, inicia-se ao redor da Lagoa Maior. A doação de terras, somada a criação de gado da época, fez com que o comércio local se desenvolvesse nas proximidades da Lagoa Maior, que ficou marcado também por ser o cenário do primeiro ciclo econômico do município, sendo este a pecuária (FRANCISCO, 2013, p. 37). Vale enfatizar que uma das ruas laterais da Praça Central, a Rua Paranaíba, tem início na Lagoa Maior.

Nota-se que, a fotografia 3 representa o espaço que ficou conhecido por meio século como Praça da Estação, ou seja, a Praça Central de Três Lagoas. Ao visitar a página do Facebook – Museu de Fotos Três Lagoas - criada e administrada por Humberto Rulli Junior<sup>10</sup>, morador local, percebe-se o quanto as fotografias têm o poder de reavivar a memória das pessoas, sejam elas protagonistas daqueles fatos ou descendentes desses sujeitos.

---

7 Primeiro ciclo econômico – caracterizado pela criação de gado da época, a pecuária (1885-1914). Segundo ciclo econômico – caracterizado pela construção da estrada férrea Noroeste do Brasil – NOB (1915-1930). Terceiro ciclo econômico – caracterizado pela construção da Usina Hidrelétrica Souza Dias (1964-1974). Quarto ciclo econômico – caracterizado pela chegada da indústria (1980-2010) (FRANCISCO, 2013).

8 Aquele que tem a posse legal de imóvel indiviso. O que está de posse de uma terra devoluta (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2018)

9 É reconhecido pelos moradores locais com um dos pioneiros da cidade de Três Lagoas. Iniciou o processo de colonização na região na década de 1880 (LEVORATO, 1998).

10 Nasceu em Três Lagoas em 12 de julho de 1958 e faleceu em 25 de Junho de 2016. Era um dos quatro filhos de Humberto Rulli, também nascido no município. Possuía formação na área de pontes e estrada pela Escola Técnica Marechal Rondon. Devido o pai e seus irmãos terem nascido na cidade, todos tinham grande afeto pelo lugar, por isso a criação do Museu Digital Fotos de Três Lagoas (Informações fornecidas via gravação telefônica por Clorinda Trujillo Rulli Menezes, irmã de Humberto Rulli Junior, no dia 04/10/2018).

Fotografia 3: Praça da Estação, a foto retrata o início da década de 40.



Fonte: Acervo Fares Zaguir – Arquivo Público Municipal.

É muito interessante visitar o museu digital e ter contato com diversas histórias representadas através das fontes fotográficas. Certamente devem existir centenas delas, mas grande parte só são recontadas à medida que a página é alimentada com fotografias. A vida das pessoas tomou rumos diferentes e a distância é consequência disso, então a fotografia – publicada na rede – emerge como elemento de reaproximação das pessoas e reconstituição da memória coletiva. Momentos como esses, ao passo que acontecem, fazem parte também da história, mesmo que tão recente. Embora a história oral, em sua categoria história de vida não seja discutida nesse momento, ela está relacionada ao contexto, pois é partindo do princípio da fotografia que muitas histórias vêm à tona.

Em contraposição as evidências das memórias saudosas dos moradores, a historicidade da cidade é acompanhada também pelos processos de reorganização e readequação dos espaços urbanos que buscam representar os ideais de modernidade. Para Câmara; Albuquerque não haverá história da cidade a mostrar se tudo se modernizar. “Muito do que havia das construções como arquiteturas criadas por estrangeiros foram alteradas com o passar do tempo. Hoje só é possível visualizar essas construções por documentos fotográficos [...]” (CAMARA; ALBUQUERQUE, 2012. p. 4). Tal contexto é o destino que tomou a paisagem (Fotografia 2) da época, em que um local que marcou a vida de muitas pessoas, hoje está guardado e eternizado no tempo através da fotografia e da memória. Nessa perspectiva, podemos afirmar que “a fotografia deixou de ser mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o status de documento, matéria-prima fundamental na produção do conhecimento sobre determinados períodos da História [...]” (SÔNEGO, 2010. p. 114). Embora esses espaços não existam mais, é de interesse público e social que esses documentos fotográficos sejam preservados, de modo que essas poucas fontes não sejam extraviadas ou deterioradas.

## Quando a Praça Central foi a Praça da Bandeira: a chegada da estrada de ferro e da Usina de Jupιά

A Praça Central e seu entorno continuam a criar sua história e se transformam junto com ela. O comércio local se desenvolveu ali. Outro importante fator nesse contexto de desenvolvimento econômico e urbano está atrelado à construção da estrada férrea Noroeste do Brasil, tendo em Três Lagoas uma estação edificada em uma das laterais da praça. Isso marcou o segundo ciclo econômico do município (FRANCISCO, 2013, p. 40).

Devido à localização estratégica nas proximidades da Praça Central e da Igreja de Santo Antônio, onde havia fluxo grande de pessoas devido ao comércio local e práticas religiosas, esse importante empreendimento que já era um desejo do governo brasileiro, surge com a pretensão de melhorar as relações comerciais e promover o desenvolvimento econômico da região do ainda, antigo estado do Mato Grosso. O comércio de sal e outras mercadorias aconteciam tanto por vias fluviais quanto por vias terrestres, mas, existia o rio Paraná que ainda era um empecilho e dificultava o transporte (LEVORATO, 1998).

O início das obras fez com que muitos trabalhadores viessem para a região, fazendo com que a cidade crescesse em número de casas, geograficamente e em moradores, demograficamente. Como Antônio Trajano havia doado uma área de terra para construção da praça central e da igreja Santo Antônio, a Estação Ferroviária se instalou nas proximidades e teve grande influência na organização urbanística do município, tanto com relação ao formato das ruas e quadras, quanto ao fato do centro se desenvolver ao entorno, com a construção das primeiras lojas, do primeiro hotel – Hotel dos Viajantes<sup>11</sup> (FRANCISCO, 2013, p. 48-49). Só em 1926 é que a ponte férrea Francisco de Sá foi concluída e com a finalização do trecho da NOB em Três Lagoas muitas pessoas retornaram para suas cidades de origem, mas uma parcela ficou e o município só retomou o seu desenvolvimento novamente com a construção da Usina Hidrelétrica Souza Dias, mais conhecida como Usina de Jupιά (FRANCISCO, 2013, p. 56-57).

Fotografia 4: Praça da Bandeira, em homenagem ao cinquentenário da cidade, 1965.



Fonte: Museu de Fotos Três Lagoas – acervo Humberto Rulli Júnior, 2018.

11 João Carrato foi pioneiro no ramo hoteleiro, com o Hotel dos Viajantes, o primeiro de Três Lagoas. Funcionava em uma das esquinas da Praça Central, próximo ao relógio. As primeiras palmeiras imperiais que embelezam a cidade foram plantadas por João Carrato (JORNAL DO POVO, 2015).

Se analisarmos a imagem da Praça da Bandeira, fotografia 4, percebemos do lado esquerdo da imagem o prédio onde hoje funciona a loja Casas Pernambucanas e ao lado direito dele, podemos observar o Hotel dos Viajantes, que já não existe mais. Ao lado do hotel e já na região superior central da imagem, temos o prédio onde funcionou por alguns anos a Loja Riachuelo.

Esse prédio pertence à família do Sr. Fares Zaguir<sup>12</sup>, inclusive funcionou ali por muitos anos os negócios da família e preservam até hoje as iniciais do sobrenome da família Dugaich Zaguir na fachada original, porém, por funcionar atualmente a loja Empório Calçados, as lembranças dessa construção histórica são ofuscadas pela modernidade, já que uma nova fachada em metal com logotipo da loja atual fora instalada no local. Nota-se ainda na (fotografia 3) rua João Carrato, na lateral da loja Casas Pernambucanas, um meio de transporte muito utilizado na época: as charretes. Todos esses elementos refletem as alterações na paisagem. Sobre paisagem, AB'SABER *apud* BARBOSA *et al* (2015) afirma que:

[...] A paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades (AB'SABER *apud* BARBOSA *et al*, 2015. p. 9).

Acredita-se que essa paisagem da fotografia 4 seja a lembrança mais presente na memória dos três-lagoenses, visto que, a atual paisagem (Fotografia 5) foi transformada em 2006, então muitos moradores locais têm histórias a ser lembradas, as quais ocorreram nesse local conhecido, naquele contexto histórico, como Praça da Bandeira. Ainda discutindo a questão da paisagem, nota-se que tudo o que o ser humano consegue ver é entendido por paisagem, ou seja, a paisagem pode ser definida como “tudo o que vemos e é formada por diferentes elementos [...] podendo ser modificada constantemente e transformando todo seu espaço ao redor, sendo adaptada conforme as necessidades humanas” (BARBOSA *et al*, 2015. p. 9). Vale ressaltar que nem sempre essas necessidades são de todos, e que muitas vezes as modificações ocorrem sem o consentimento da população.

Barbosa *et al*. (2015, p. 9-12) identificaram durante pesquisas científicas desenvolvidas durante graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdades Integradas de Três Lagoas que, em relação aos pontos negativos referentes à Praça Central, ou seja, as alterações na paisagem, destacam-se: falta de bancos, falta de árvores, ausência da fonte e falta de segurança. Contrapondo alguns pontos, o cenário atual apresenta insuficiência de alguns desses elementos, mas não a ausência deles.

Se pensarmos as alterações que já ocorreram na paisagem em que esse patrimônio cultural público está inserido, e que diante de tais alterações os gestores públicos municipais eram responsáveis pela proteção desse patrimônio e de seu entorno, pode-se deduzir que existem em meio as questões patrimoniais algumas

---

12 Segundo o periódico *Jornal do Povo*, trata-se de uma família de grande importância para a história de Três Lagoas. O comércio da cidade foi fortalecido com a dedicação dessa família. Fares Zaguir é responsável por imortalizar a história da cidade em suas fotografias (JORNAL DO POVO, 2015).

forças políticas envolvidas. Nesse contexto, surgem algumas indagações: a população tem conhecimento previamente sobre essas modificações? De que forma os moradores contribuem para essa decisão? Quem decide o que pode ou não ser feito? As modificações correspondem a um desejo do pensamento coletivo? Pode ser que existe, mas durante a pesquisa não fora encontrado nenhuma fonte que comprove participação da população nessas decisões, como por exemplo, documentos oficiais revelando que as pessoas estão conscientes e concordam com essas mudanças. Supondo que as modificações no espaço resultam de um pensamento coletivo representado por uma figura política, isso nos faz pensar que esse pensamento defende o discurso do progresso, da modernidade, uma vez que já houve tantas alterações naquele espaço.

Outra questão relevante é que município já apontava sinais para a dita “modernização” representada pela vinda de indústrias e isso se fortaleceu ainda mais no período que compreendeu seu terceiro ciclo econômico, com a construção da Usina Hidrelétrica Souza Dias, conhecida como Usina Jupuí. A cidade só foi escolhida para construção da usina hidrelétrica devido ao fato da região apresentar uma confluência muito importante de rios, dentre eles, Rio Paraná, Rio Verde e Rio Sucuriú. Assim como ocorreu com a construção da estrada férrea, a construção da Usina Jupuí proporcionou um grande desenvolvimento local, além de que a empresa responsável pela hidrelétrica, a Companhia Energética de São Paulo (CESP), construiu duas vilas, uma em Três Lagoas/MS chamada Vila Piloto que foi moradia dos operários e outra em Castilho/SP chamada Vila dos Operários que serviu para técnicos e engenheiros. Mais do que aproveitar os rios da região para produzir energia, já existia um grande interesse por parte do Governo Federal em progredir nesse setor para posteriormente iniciar o processo de industrialização na cidade (FRANCISCO, 2013, p. 65).

### **Quando a Praça Central foi a Praça Senador Ramez Tebet: a modernização pela industrialização**

Lamentavelmente algumas personalidades, ao que parece, têm a necessidade de materializar suas identidades durante o período de gestão e, nesse sentido, um dos elementos mais impactados nesse processo são os patrimônios culturais e a população local.

Observa-se na fotografia 5 que, atualmente a praça está com boa parte de seu espaço sendo ocupado por estacionamento para carros (descaracterizando um espaço que deveria ser destinado ao entretenimento e lazer), ponto de taxistas e poucos são os equipamentos e arborização do local. Pode-se aferir que esse tipo de intervenção que contribuiu para a evasão dos frequentadores da praça, devido Três Lagoas ser uma cidade com clima tropical, sendo que o calor é intenso em boa parte do ano.

Fotografia 5: Vista aérea da Praça Ramez Tebet, paisagem atual.

Fonte: Prefeitura Municipal de Três Lagoas, 2018.

Em se tratando de frequentadores do local, uma situação interessante é que a cidade possui muitos moradores oriundos de outras cidades e estados, devido a alta demanda de mão de obra para as construções e operacionalização das indústrias e isso já havia acontecido durante a construção da estrada férrea e da Usina Jupuíá. Por um lado, isso é interessante do ponto de vista social e cultural pela troca de informação e cultura que pode haver entre pessoas de lugares diferentes, mas algo muito preocupante surge junto disso: a diminuição ou mesmo a ausência do



sentimento de pertencimento por parte dos moradores. Com isso queremos observar que o morador não nascido em Três Lagoas dificilmente terá esse afeto pela história local, afinal essas pessoas na maioria das vezes só estão de passagem – na maioria das vezes a trabalho – pela cidade. Elas podem até não depredar ou causar impactos negativos, mas também não farão grandes esforços para contribuir de alguma forma para a preservação do patrimônio, pois não há, na maioria das vezes, identificação com os bens culturais locais. Essa situação de moradores oriundos de outros locais é a realidade da cidade, devido ao grande número de funcionários que as indústrias precisam para operar. Outra questão interessante a se observar nesse contexto é que o processo de desenvolvimento industrial tem vários estágios no município, começando com a olaria em 1914 até as grandes indústrias de papel e celulose: FIBRIA e ELDORADO (FRANCISCO, 2013, p. 89).

As primeiras discussões e planejamento público sobre as potencialidades naturais de Três Lagoas para o desenvolvimento do processo industrial começaram ainda na década de 1980, mas foi somente no final dos anos 1990 que a primeira indústria se instalou efetivamente na cidade. E por conta de estímulos do governo local como a doação de terras, incentivos fiscais e isenções, é que a partir de 1997 a cidade apresenta um grande avanço na industrialização com a chegada da Mabel, que foi a primeira indústria a se instalar em Três Lagoas (FRANCISCO, 2013, p. 102). Assim como a história da Praça Central, a história do processo de industrialização no município também pode ser considerada enquanto objeto de estudo patrimonial em Três Lagoas. Essas e outras histórias acerca dos elementos patrimoniais locais são elementos fundamentais no processo de construção da história da cidade e por isso precisam ser (re)conhecidas, valorizadas e preservadas.

## **Considerações Finais**

A fotografia é um portal que remete as pessoas ao passado. A primeira iniciativa Humberto Rulli Junior já se deu, com a criação do Museu Fotos de Três Lagoas. Dessa forma, se faz fundamental que a população tome conhecimento da importância histórica e cultural da cidade e colabore com iniciativas em prol da valorização da história e cultura local, contribuindo com novas histórias ou perspectivas que enriqueçam as já existentes. Faz-se necessário conhecer para valorizar e preservar, não permitindo que apaguem a história com o desaparecimento dos patrimônios.

Embora a Praça Central esteja, devido os efeitos da modernização, bastante descaracterizada da real paisagem da época, esta carrega consigo uma história muito importante a ser contada e acima de tudo preservada. A atividade turística atrelada ao patrimônio cultural se insere nesse contexto como grande aliado do poder público, entidades privadas e principalmente da população construindo diretrizes capazes de divulgar e promover a identidade local.

Se faz necessário (re)conhecer e entender o valor histórico e cultural da Praça Central e apresentar medidas para a sua preservação. Muitas intervenções são feitas sem a aprovação da população, desconsiderando o valor sentimental que ela tem para com o local e descaracterizando o ambiente da paisagem que esta tinha na época. A gestão da prefeitura de Três Lagoas entre o período de janeiro de 2005 à março de 2010 revela que os elementos existentes na praça antes de 1965 foram eliminados durante a revitalização ocorrida em 2006, criando assim uma nova estética, modificando totalmente a paisagem anterior.

Levando em consideração que muitos que passam por Três Lagoas, estão apenas de passagem por conta de contratos de trabalho, infere-se que, se a população não se identifica com o patrimônio local, fica ainda mais difícil adotar medidas de proteção, uma vez que a população não vai reconhecer o patrimônio como sendo seu, isto é, como elemento fundamental no processo de construção da sua história e do sentimento de pertencimento.

A Praça Central, independente do nome que a ela foi atribuída durante os contextos históricos, continua tendo papel sociocultural, histórico e patrimonial importante na vida dos três-lagoenses. Mesmo totalmente descaracterizada da paisagem original, atualmente é palco de grandes eventos na cidade, além de servir de referência, ponto de fluxo para muitos lojistas e também para abrigar vários pontos de taxi, contribuindo indiretamente para a movimentação econômica do município.

Três Lagoas é uma cidade com mais de cem anos e ao longo desses anos a paisagem passou por inúmeras transformações, porém algumas características continuaram as mesmas: o comércio local posicionado no entorno da praça e o uso dela para a realização de eventos. A cidade se desenvolveu no setor industrial, e mesmo que muitos estejam somente de passagem, ao terem contato com a praça, produzem história. Deixam um pouco de si e levam um pouco dali. Mesmo a paisagem da Praça Central se diferenciando a cada projeto de revitalização, a necessidade

de se preservar o patrimônio continua tendo a mesma importância que no passado. Afinal, as ações de hoje farão parte da história amanhã.

## Referências

BARBOSA, G. L.; DOBRI, T.L.; FERNANDES, A. L. V.; PINHO, R. G. Patrimônio histórico-cultural de Três Lagoas/MS: a percepção dos frequentadores sobre a revitalização da Praça da Bandeira, atual Praça Ramez Tebet. **Revista Conexão Eletrônica**, v.12/1, p. 515-532, 2015.

BARRETTO, M. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. Ed. Papyrus (Coleção Turismo), Campinas/SP, 2000.

CÂMARA, R. da S.; ALBUQUERQUE, L. O patrimônio histórico da cidade de Três Lagoas/MS e a possibilidade de sua utilização como atrativo turístico cultural. **Revista Conexão Eletrônica**, v. 9, n. 1/2, p. 1-9, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 19/10/2018.

DIAS, R. Turismo e Patrimônio Cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=Posseiros>. Acesso em: 14/05/2018.

DROPA, Ana Flávia Nemes Schwab; TRZASKOS, Luana; BAUM, Jéssica. **A Imagem Fotográfica como Recurso de Valorização Cultural e seu uso pelo Turismo**: um estudo de caso da Colônia Sutil. VII ENPPEX – Universidade e Gestão Pública: perspectivas e possibilidades. II Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas da Fecilcam. Ponta Grossa/PR, 2011.

FERNANDES, Rodrigo. Entrevistas realizadas nos dias: 30/08/2018 às 17h32, 26/09/2018 às 16h05 e 27/09/2018 às 19h58.

FRANCISCO, A, L. **Ciclos Econômicos Aportados na Cidade de Três Lagoas – Da Pecuária as Indústrias de Transformação**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Editora UFMS, Três Lagoas MS, 2013.

JORNAL DO POVO. Para sempre na memória. Centenário de Três Lagoas. RCN: Grupo de Comunicação, 2015.

JORNAL DO POVO. Zaguir: comércio da cidade foi fortalecido com a dedicação dessa família. Centenário de Três Lagoas. RCN: Grupo de Comunicação, 2015.

---

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEMOS, C. A. C. **O que é patrimônio histórico**. 2.ed. ver. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos; 51)

LEVORATO, Adão Valdemir. **Três Lagoas: Dama em Preto e Branco (1918 – 1964)**. Evergraf, Três Lagoas, 1998.

MARTINS, Maria Helena Pires. **Preservando o patrimônio e construindo a identidade**. Ilustrações Giroto. São Paulo: Moderna, 2001.

MAUAD, A. M. Através da Imagem: fotografia e História – interfaces. In: **Revista Tempo**. n. 2. Deptº de História. Niterói. UFF. 1996.

MENEZES, Clorinda Trujillo Rulli. Entrevista realizada no dia 04/10/2018 às 16h47.

MOYSES, Juliana Mastelini. **Ivaiporã: Histórias a partir de Fotografias e Oralidade**. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Projeto de Iniciação Científica pelo curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Londrina/PR, 2011.

PACHECO, Diego de Lima; LARA, Camila de Brito Quadros. **História, memória e patrimônio cultural de Três Lagoas/MS: as imagens fotográficas da “cidade das águas”**. Anais do 11º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu. Foz do Iguaçu/PR, 2017.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROCHA, T. S. F. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF**. Anais do XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG): Mariana/MG, 2012.

RODRIGUES, Marly. Preservar e Consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, P.P.; PINSKY, J. **Turismo e Patrimônio Cultural**. Ed. Contexto (Coleção Turismo Contexto), 4ª.ed. São Paulo/SP, 2005, p. 15-24.

SITE HOJE MAIS. Pretérito mais que perfeito. Disponível em: <http://www.hojemais.com.br/tres-lagoas/noticia/geral/preterito-mais-que-perfeito>. Acesso em: 14.05.2018.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. A Fotografia como fonte histórica. **Revista Eletrônica Historiae**, Rio Grande/RS, 1 (2): 113-120, 2010.

\_\_\_\_\_. **Eternamente em Berço Esplêndido: a fundação de uma literatura nacional**. São Paulo: Siciliano, 1991.

**Recebido em março de 2019.**  
**Aprovado para publicação em março de 2021.**